

# A batedora de Lacan: lembranças de uma estenotipista irritada

LEANDRO ALVES RODRIGUES DOS SANTOS

PIERRAKOS, Maria, Tradução de Fábio e Eva Landa. *A batedora de Lacan: lembranças de uma estenotipista irritada*. São Paulo: Perspectiva, 2005, 69 p.

Maria Pierrakos, uma estenotipista irritada, que se auto-intitula uma “batedora de Lacan”, conheceu Lacan e com ele conviveu durante um bom tempo. Só por esse aspecto, este livro já conteria elementos suficientes para exercer certa atração nos leitores, pois, para além do interesse histórico despertado pela figura de Jacques Lacan, é inegável que portemos uma ponta de curiosidade em relação a um cenário e a um período absolutamente efervescentes, do qual esse psicanalista foi o epicentro, misturando-se tanto o personagem quanto o homem de carne e osso, controverso e polêmico e que, indiscutivelmente, entrou para a História da Psicanálise.

Mas quem folheia o livro em busca de saciar essa curiosidade não encontra, de imediato, descrições ou narrativas afinadas com o que supostamente está sendo procurado; ao contrário, salta aos olhos uma dificuldade da autora na carpintaria do texto, pois não se sabe ao certo quando fala do personagem e quando fala do homem, alvo de sua técnica, afinal durante doze anos Pierrakos se ocupou de registrar o que Lacan dizia frente a uma platéia assim descrita: “O seminário! Atmosfera inúmeras vezes assim descrita: empurra-empurra, rebuliço, fumaça, conversas. Então o Mestre chega, sobe no palco e começa a falar; um silêncio mítico se instala – escuta-se apenas o ruído nervoso das esferográficas e os cliques afitos dos gravadores: seria possível perder apenas uma única palavra?” (p.20)

Com sua vasta experiência nesse ofício peculiar, que guarda algumas semelhanças com o ofício do psicanalista, a autora afirma que o estenotipista acaba por captar o que vai além das palavras da pessoa que fala em público, comprovando-o por meio

dos variados eventos que acompanhou; sempre silenciosa e cumpridora do dever. A partir disso, Lacan é, para ela, o retrato mais acabado da impostura, um boçal que não lhe dirigia a palavra. São palavras pesadas, pois acusar alguém de impostura implica sustentar previamente uma argumentação sólida das razões pelas quais se chegou a isso. E disso, fundamentalmente, trata o livro, uma seqüência de argumentos, elucubrações e digressões sobre Lacan; a dita impostura e, principalmente, os efeitos deletérios que disso se desdobram na cena psicanalítica, fazendo surgir, em sua hipótese, o que chama de *Homo lacanus*, personagem muito próximo de qualquer membro das massas freudianas, citadas no clássico texto sobre grupos, escrito por Freud. Lacan, por sua vez, ocuparia o lugar de líder e, segundo o que Pierrakos insinua, agindo de uma maneira deliberada, gerando com isso seguidores influenciados pela teatralidade hipnótica de suas exposições e pela trama complicadamente articulada dos conceitos, presentes nos seus escritos e comunicações.

Vale citar: Pierrakos foi uma praticante da estenotipia e, após o contato com Lacan em seus Seminários, tornou-se uma psicanalista, inclusive fundando com alguns colegas o *Collège International de Psychanalyse* e, deve-se dizer, de orientação distinta do ensino de Lacan, aspecto que não deixa de chamar a atenção. Mas percebe-se uma tentativa de qualificar o lacaniano, ainda que de maneira velada, como alguém que, “ecolalicamente”, apenas repete o que dizia Lacan, imitando-o numa caricatura empobrecida, aspecto que comprometeria, em última instância, o avanço da Psicanálise, pois corre-se o risco de uma formação em série de psicanalistas acrílicos e repetidores de um estilo que deveria ser considerado como único e que não deveria ser reproduzido.

Mesmo com o grau de virulência aumentando a cada página, é louvável o esforço da autora em valorizar as descobertas de Lacan e sua importância na clínica atual, evidenciando um esforço para separar as críticas relativamente construtivas ao edifício teórico e as vozes dissonantes de questões conceituais e técnicas do pensamento lacaniano.

Porém, independentemente disso, fica no ar uma sensação de haver uma rusga entre Pierrakos e Lacan, algo como uma conta a acertar, pois centra sua hipótese da impostura em uma diferença entre o que ele era em público e no consultório, afinal

“(...) diziam, ele mostrava, em seus contatos diretos com os seus analisandos, um calor e uma afetividade nada em comum com aquilo que ele passava no seminário. Aqueles que estavam em análise com ele ou que, uma vez a análise terminada, continuavam a freqüentar o seminário seguindo seu conselho (ou sua injunção?), tinham então a impressão de que o rosto oferecido ao público, o rosto cínico e frio, não tinha nada a ver com o que eles conheciam e essa transferência jamais liquidada mantinha-os irrevogavelmente escravos, pois eles acreditavam possuir, cada um para si, Janus inteiro.” (p.37)

É razoavelmente óbvio supor uma diferença entre o Lacan falado pelos analisandos e supervisionandos, pois aí se trata da ordem da transferência e da inevitável carga de fantasia que atravessa essa percepção, sendo surpreendente se o personagem descrito efetivamente coincidissem com o Lacan alvo de seus registros. Além de lembrarmos que o Lacan por ela narrado, e que tanto mexia com ela – seria isso que a irritava? –, também é alvo de uma percepção a ser tomada sob o viés da realidade psíquica, termo freudiano sempre a nos lembrar: as significações são particulares, singulares e únicas. Pierrakos fala de *seu* Lacan! Que isso ajude cada leitor a pensar seu próprio Lacan.